

A FELICIDADE EM SANTO AGOSTINHO

Happiness in Saint Augustine

Mônica Cordovil de Oliveira Martins Gomes¹

Alessandro Martins Gomes²

Resumo

Este artigo aborda o conceito de felicidade na história da humanidade, com foco na filosofia de Santo Agostinho. O texto apresenta o conceito de felicidade na Antiguidade e a discrepância entre este conceito e o conceito de felicidade que vivenciamos hoje. A partir dessa abordagem, o texto mostra como o conceito de felicidade de Santo Agostinho também diverge do entendimento de felicidade hoje, o qual rompe com o conceito baseado na razão e baseia toda sua tese em Deus, onde define a vida feliz no perfeito conhecimento de Deus, com ênfase no diálogo *A Vida Feliz*. O artigo conclui que a ideia de felicidade na Antiguidade está ligada à honra e glória, tornando o homem vivo mesmo após a morte. E hoje a felicidade está mais ligada à bens materiais e à riqueza, ao ter e não ao ser.

Palavras-chave: Felicidade. Santo Agostinho. A Vida Feliz.

Abstract

This article discusses the concept of happiness in human history, with a focus on the philosophy of St. Augustine. The paper presents the concept of happiness in antiquity and the discrepancy between this concept and the concept of happiness we experience today. From this approach, the text shows how the concept of happiness to Augustine also departs from the understanding of happiness today, which breaks with the concept based on reason

¹ Bacharel em Sistemas de Informação pelo Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA, em Teologia pela Faculdade de Teologia Seminário Unido – FTSU, com convalidação pela Faculdades EST. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão do Ead pela UFF. Discente do curso de Letras pela UFF e do Mestrado em Gestão de Sistemas E-learning na Universidade Nova de Lisboa/Portugal.

E-mail: monicacordovil@hotmail.com

² Bacharel em Direito pelo Centro Universitário de Barra Mansa – UBM, em Teologia pela Faculdade de Teologia Seminário Unido – FTSU, com convalidação pela Faculdades EST e em História pela Estácio de Sá. Especialista em Ensino de História e Geografia pela Uninter, em História do Brasil pela UCAM e em História Antiga e Medieval na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro. Mestre em Teologia pela Faculdade EST. Discente do curso de Pós-graduação *Latu Sensu* em Responsabilidade Civil e Direito do Consumidor pela Universidade Estácio de Sá, do curso de Pós-graduação *Latu Sensu* em Planejamento, Implementação e Gestão do Ead pela UFF, do Mestrado em História do Império Português na Universidade Nova de Lisboa/Portugal e do curso de Doutorado em Estudos Clássicos pela Universidade de Coimbra/Portugal.

E-mail: alessandromartinsgomes@hotmail.com

and based his entire argument on God, which sets the happy life in the perfect knowledge of God, with emphasis on *The Happy Life* dialogue. The article concludes that the idea of happiness in Antiquity is linked to the honor and glory, making the man alive even after death. And today the happiness is more linked to material goods and wealth, to have and not to be.

Keywords: Happiness. St. Augustine. The Happy Life.

Considerações Iniciais

A finalidade deste trabalho é contribuir para a conscientização sobre as diferentes concepções do conceito de felicidade na história da humanidade, com foco na filosofia de Santo Agostinho.

Este trabalho teve como questão central a seguinte indagação: “O que era felicidade para Santo Agostinho?”.

Essa questão nos fornece um panorama para entender melhor a diferença de sentido e significado entre o conceito de felicidade da época e o conceito que vivenciamos hoje.

Afinal, todos os seres humanos buscam a felicidade, todos nós desejamos ser felizes. Algumas pessoas passam a vida inteira buscando essa tal felicidade, cada um de seu modo e da forma que pensam ser a correta ou a que mais lhe parece atraente.

A busca pela felicidade sempre existiu, pode-se arriscar dizer que é tão antiga quanto a própria história, como se vê nas primeiras páginas da primeira obra de história no Ocidente – a *História*, de Heródoto³.

O que pode atrapalhar esse percurso é a falta de conhecimento de si próprio por parte do ser humano, não saber realmente o que é melhor e a fonte de sua verdadeira felicidade.

Cada ser tem uma concepção diferente de felicidade, a qual depende do mundo que essa pessoa vive, das coisas que a rodeiam e do seu nível intelectual. Alguns pensam que a felicidade é ter bens materiais, outros pensam que é ser conhecido e ter prestígio na sociedade, outros veem em Deus sua verdadeira felicidade.

³ MCMAHON, Darrin M. *Felicidade: uma história*. São Paulo: Globo, 2006. p. 17.

Na realidade, a felicidade é um estado de espírito, um estado de contentamento, e esse conceito de felicidade que presenciamos hoje na mídia é bem diferente daquele defendido pelos gregos na antiguidade⁴.

Assim, podemos ver como o conceito de felicidade é entendido de forma tão variada desde a Antiguidade.

O tema tratado é muito pertinente, haja vista que é um tema debatido há tantos anos, e mesmo diante de tantos questionamentos, ainda continua por chegar a uma conclusão.

O objetivo principal é investigar o conceito de felicidade sob a ótica de Santo Agostinho, com foco no diálogo De Beata Vita de Santo Agostinho, que é uma reflexão sobre a felicidade, tema este que era muito comum na Antiguidade.

Felicidade na Antiguidade

O conceito de felicidade na Antiguidade parece divergir muito da felicidade dos tempos modernos e pós-modernos.

Existe um episódio na história muito conhecido, quando ocorre um diálogo entre Creso, o último rei da Lídia, e o sábio Sólon, sobre o qual afirma Leão que “o encontro entre Sólon e Creso constitui um dos episódios mais famosos e mais discutidos da história da cultura clássica”.

No diálogo clássico entre Sólon e Creso, Sólon fala sobre a felicidade e a instabilidade das coisas humanas, e Creso acreditava ter domínio sobre todo esse conhecimento, tanto teoricamente como na vida prática.

O poderoso e riquíssimo rei da Lídia, Creso, sempre agradava os deuses e lhes dedicava templos lindos, e convidava em sua corte grandes mestres da época e os recompensava pelos ensinamentos, e assim conheceu um dos sete sábios da época, Sólon.

Sólon foi então convidado a visitar as dependências do palácio e avaliar a riqueza de Creso, e então após isso, foi levado à presença de Creso, que o aguardava em seu trono de ouro.

⁴ LAURIOLA, Rosana. *De eudaimonia à felicidade: visão geral do conceito de felicidade na antiga cultura grega, com alguns vislumbres dos tempos modernos*. Revista Espaço Acadêmico. [on-line]. Edição 59, ano V, abr. 2006. Disponível em: < http://www.espacoacademico.com.br/059/59esp_laoriolapt.htm>. ISSN 1519.6186. Acesso em: 20 abr 2014.

Assim, Creso faz a Sólon uma das perguntas mais conhecidas na história, se ele conhecia alguém mais feliz que o próprio Creso.

Ele então responde que sim, surpreendendo o rico Creso, e disse que existia alguém chamado Télus, um homem do povo, um homem de bem, um cidadão exemplar que morreu lutando por sua cidade Atenas. E continua dizendo que a vida reserva muitas mudanças, se alguém é feliz hoje não garante que o será amanhã.

Creso se sentindo insultado o dispensou.

Mesmo com tanta riqueza de detalhe, é pouco provável que as figuras de Sólon e Creso tenham realmente se encontrado e conduzido tal diálogo.

Mesmo assim, esse episódio narrado na obra de Heródoto, ressalta que “a crônica dos conflitos humanos é também a crônica das aspirações humanas [...]”, haja vista que “a procura pela felicidade aparentemente esteve sempre conosco”⁵.

Mas afinal, o que é felicidade? Esse conceito mudou do período em que Heródoto viveu para nosso conceito de felicidade hoje?

Diante desse diálogo entre Sólon e Creso podemos ver a discrepância entre esse conceito em épocas tão distantes.

Imaginemos duas situações distintas: na antiguidade um homem ser considerado feliz por ter um corpo perfeito ou ter muitos bens materiais, e após viver muitos anos, morrer de velhice junto à sua família; e também um homem hoje, pobre com uma vida simples, que fosse chamado pelo exército para auxiliar na luta e defender seu país numa guerra, mas infelizmente morrer nesse combate e não poder mais retornar para o seio de sua família.

Poderíamos considerar esses dois personagens felizes? A resposta seria sim somente se trocássemos a época em que cada um viveu?

Se a resposta for sim, então poderíamos confirmar que o conceito de felicidade mudou com o passar do tempo, e que depende muito da cultura e da época em que é analisado.

Mas ainda assim podemos encontrar um ponto comum, pois um sentimento de insatisfação gera essa busca contínua pela felicidade, uma busca constante, por sempre estar insatisfeito com o que possui, querendo buscar coisas novas.

⁵ MCMAHON, 2006, p. 18.

A filosofia greco-romana teve uma grande preocupação com a busca da felicidade, questão essa que tem preocupado tanto pessoas comuns quanto estudiosos e filósofos, desde os tempos antigos.

No que se refere à literatura ocidental, seu berço encontra-se na Grécia antiga, e a literatura grega, em seus primórdios, existiu sem registros escritos.

Pessoas de todo mundo em diferentes momentos históricos tentam entender os mistérios da vida e do mundo, e foi na Grécia antiga que isso começou a inquietar os pensadores, surgindo perguntas como diz Matos⁶:

Qual é a origem do mundo, por que o sol se movimenta atravessando o firmamento, o que faz as coisas crescerem, por que as plantas morrem no inverno e renascem na primavera, de que modo ocorrem as marés, por que há terremotos, para onde vão as pessoas quando morrem, se é que vão para algum lugar?

A resposta de Sólon se pauta no plano divino-filosófico e não no plano material, baseando-se em cinco aspectos: “a cidade, a duração da vida, a descendência, as riquezas e um final de vida extraordinário”⁷, ou seja, a riqueza até importava, mas somente se aliada a outros aspectos, sozinha não significava nada.

Prova disso são os mais felizes na escala de classificação feita por Sólon, citando em primeiro lugar Télus de Atenas, que viveu em meio à prosperidade, porém isso não era suficiente, cita que era pai de belos filhos “e a todos eles viu ter descendência e todos permaneceram com saúde”⁸, e que, acabou seus dias, de forma gloriosa numa batalha, terminando seus dias com uma bela morte, “ocasião em que os Atenienses entraram em conflito com os seus vizinhos, em Elêusis, [...] “os Atenienses sepultaram-no com exéquias públicas, no próprio lugar onde caíra, e prestaram-lhe grandes honras.”⁹

McMahon¹⁰ fala da visão de Heródoto e de seus contemporâneos sobre felicidade:

[...] “felicidade não é um sentimento, nem um estado de subjetivo”, [...] “é a caracterização da uma vida inteira, e só pode ser determinada com a morte. Considerar-se feliz antes disso é prematuro, e provavelmente uma ilusão, já que o

⁶ MATOS, Fernando de Carvalho. *Mitologia e Mitos*. Disponível em: < <http://www.coladaweb.com/mitologia/mitologia-e-mitos>>. Acesso em 20 abr 2014.

⁷ ARAÚJO, Orlando Luiz de. Logos de Crespo: padrão de um modelo dramático. *Revista de Letras*, n. 21, vol. 1/2, jan/dez 1999. Disponível em: < <http://www.revistadeletras.ufc.br/rl21Art08.pdf> >. Acesso em: 01 jun 2014. p. 57.

⁸ LEÃO, Delfim F. *Sólon e Crespo: fases da evolução de um paradigma*, p. 34. In: *Humanitas*, vol. LII, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2000. p. 32.

⁹ LEÃO, 2000, p. 33.

¹⁰ MCMAHON, 2006, p. 23.

mundo é cruel e imprevisível, comandado por forças que estão além de nosso controle.”

Isso se comprova na definição de *Bela Morte* de Vernant¹¹:

[...] Para quem pagou com sua vida a recusa da desonra no combate, da vergonhosa covardia, ela assegura um renome indefectível. A bela morte é a morte gloriosa, *eukleès thanatós*. Ela eleva o guerreiro desaparecido ao estado de glória por toda a duração dos tempos vindouros; e o fulgor dessa celebridade, *kléos*, que adere doravante seu nome e à sua pessoa, representa o termo último da honra, seu extremo ápice, a *Arete* realizada. Graças à bela morte, a excelência, *Arete*, deixa de ter que se medir sem-fim com outrem, de ter que se pôr à prova pelo confronto. Ela se realiza de vez e para sempre no feito que põe fim à vida do herói.

Nos tempos antigos, em especial entre os gregos, essa visão era um pouco diferente da que estamos acostumados na sociedade contemporânea.

A duração de uma vida individualmente para os gregos não era igual a todos os homens, dependia do que ele significou para as outras pessoas ao longo da sua vida, sendo sua sobrevivência após a morte ligada no fato de como ele era considerado socialmente pelos seus contemporâneos.

No Canto XXIV da *Ilíada*, Hécabe, mãe de Heitor, fala sobre o filho: “(...) este a vida perdeu sem desdouro, mas sempre firme, em defesa dos Teucros e suas esposas sem que nenhum pensamento abrigasse de medo ou de fuga”¹².

O herói morrer em combate representava o auge de sua honra, e, assim sendo, permaneceriam jovens e fortes, como nas lutas.

Esse ideal de morte para os gregos, com certeza ultrapassava o fim de qualquer um mortal após sua morte, ou seja, desaparecer, pois assim seriam sempre lembrados com honra.

Para os gregos, o mundo que viviam era subvertido de forças inescrutáveis que constantemente ameaçavam perturbar os homens, e este mundo era governado pelos deuses e pelo destino, onde o próprio homem não exercia controle algum, e a experiência diária era impregnada de sofrimento e incertezas, porém, muitas dessas coisas que o aterrorizavam era simplesmente por falta de conhecimento e ignorância a respeito da ciência, acontecimentos que para nós hoje, nos parece tão simples.

¹¹ VERNANT, Jean-Pierre. *A Bela Morte e o Cadáver Ultrajado*. Disponível em: <file:///C:/Users/M%C3%B4nicaCordovil/Downloads/37846-44506-1-PB.pdf>. Acesso em: 02 mai 2014. p. 32.

¹² HOMERO. *Ilíada*, XXIV, vv. 215-216.

A forma mais comum de se concretizar a imortalidade dos heróis era perpetuá-los em poesias.

No Livro I de Heródoto, logo após o famoso diálogo entre Sólon e Creso, Sólon continua falando sobre a ligação entre a felicidade e a morte, pois mostra algumas características que podem fazer um homem feliz, que ele esteja no uso de todos os seus membros, goze de boa saúde, não sofra nenhum desgosto e seja feliz com os filhos, mas ressalva que, mesmo com tudo isso, se ele não tiver uma morte gloriosa, não pode ser-lhe conferido o adjetivo feliz, somente que seja chamado de bem aquinhoado¹³.

Finalizando, Sólon¹⁴ diz:

“É impossível um homem reunir as condições necessárias à felicidade da mesma maneira que nenhum país possui todos os bens de que necessita. Se conta com uns, está sempre privado de outros; o melhor será o que possuir maior número deles. Assim acontece com o homem: não há um que se baste a si mesmo. Se possui algumas vantagens, outras lhe faltam. Quem reúne maior número e o conserva até o fim dos dias, deixando tranquilamente a vida, este, senhor, merece, na minha opinião, ser chamado feliz. [...]”

O preço de uma honra eterna e de ter sido considerado um homem feliz era grande, como exemplo temos o guerreiro Aquiles, o imortal guerreiro grego, com é conhecido hoje, e só ficou assim devido uma escolha que ele mesmo fez em vida.

Aquiles estava diante de um grande dilema: ir ou não à Troia lutar contra os troianos para satisfazer o capricho do rei Agamenon. Diante disso, foi buscar orientação com sua mãe sacerdotisa. Sua mãe lhe deu duas opções: 1 – Se permanecesse na ilha, formaria uma grande família e os seus descendentes se multiplicariam, mas sua existência se perderia ao longo do tempo. 2 – Se fosse para o campo de batalha sua glória e bravura jamais seriam esquecidas, porém não mais retonaria ao solo sagrado da Grécia. Aquiles então escolhe a glória perpétua garantida nos campos de batalha pós sua morte.

Por isso, se diz que o conceito de morte e felicidade que o homem possui está ligado à cultura a qual ele pertence, se não fosse assim, Aquiles talvez não fosse conhecido hoje.

Nesse período o paradigma de herói era diferente do que temos hoje, tinha habilidades tanto no falar quanto no agir, não somente pronto para a guerra, mas para a paz igualmente, e acima de tudo, daria sua vida pela glória, ou seja, morreria pela glória, de se

¹³ HERÓDOTO. *História*. Livro II, XXXII.

¹⁴ HERÓDOTO, II, XXXII.

perpetuar após sua morte, e a excelência (*Arete*) era sua maior aspiração em vida, tendo como objetivo sempre honrar seus ascendentes e o amor à honra (*timé*).

Assim diz Heródoto¹⁵:

Um homem imensamente rico, mas infeliz tem apenas duas vantagens sobre o feliz, enquanto que este conta com grande número delas sobre o rico infeliz. O homem rico está mais em condições de satisfazer seus desejos e de suportar grandes perdas, mas se o outro não pode resistir a essas perdas, nem contentar os desejos, sua felicidade o põe a coberto de umas e de outros.

Depois de Heródoto, quem conseguiu falar mais difinidamente sobre felicidade foi o historiador Tucídides, mas em sua época os poetas já buscavam conhecer mais o homem, com critérios mais racionais.

E, a partir dele, a história assume um estudo mais documentado, e não mais somente fictício e lendário.

Assim define o segredo da felicidade: “[...] felicidade é liberdade [...]”¹⁶.

Felicidade em Santo Agostinho

A felicidade no mundo antigo baseava-se na razão, Agostinho então rompe com esse conceito do mundo antigo, pois centra toda sua tese sobre felicidade em Deus¹⁷:

Agostinho rompe com a tradição filosófica e propõe não mais a filosofia como porto da felicidade, mas a posse de Deus. Só a posse de Deus garante e produz a felicidade: se alguma coisa merece ser designada como dom de Deus, certamente é a vida feliz.

A felicidade do mundo contemporâneo também é diferente tanto do mundo antigo quanto do conceito de Agostinho, pois caminha na direção do consumismo, cada vez maior se torna a busca por bens materiais, que são temporais, com uma vida baseada cada vez mais na superficialidade e artificialidade.

Isso tem causado uma grande inversão de valores e uma crise de identidade no homem, pois a verdadeira felicidade tem ficado abafada e confundida.

¹⁵ HERÓDOTO, I, XXXII.

¹⁶ TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Livro Segundo. 4 ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001. p. 113.

¹⁷ SANTO AGOSTINHO, *A Vida Feliz*. In: Solilóquios e A Vida Feliz. São Paulo: Paulus, 1998. p. 14.

A felicidade para Santo Agostinho se diverge muito das compreensões atuais, pois se baseia na busca por algo permanente e espiritual, e não superficial e temporário, uma busca constante pela verdade, pela sabedoria e principalmente por Deus.

Santo Agostinho¹⁸ assim define vida feliz: “[...] a vida feliz consiste no perfeito conhecimento de Deus. Por isso, ele não faz consistir a felicidade na posse ou no gozo de qualquer bem criado, mas só na posse ou gozo do Bem absoluto e perfeito”, e ainda completa¹⁹ dizendo que “O viver em plena felicidade não é próprio desta vida mortal. Só o será quando aparecer a imortalidade... Sem a imortalidade não existe a felicidade”.

Para Santo Agostinho Deus é o princípio de tudo, e exterioriza isso muito bem em *Confissões de Santo Agostinho*²⁰:

Eu nada seria, meu Deus, nada seria em absoluto se não estivesses em mim; talvez seria melhor dizer que eu não existiria de modo algum se não estivesse em ti, de quem, por quem e em quem existem todas as coisas? Assim é, Senhor, assim é. Como, pois, posso chamar-te se já estou em ti, ou de onde hás de vir a mim, ou a que parte do céu ou da terra me hei de recolher, para que ali venha a mim o meu Deus, ele que disse: Eu encho o céu e a terra?

Ele diz que procurar Deus é o mesmo que procurar a felicidade, pois para ele a verdadeira felicidade só pode estar em Deus²¹:

A felicidade é uma alegria que não é concedida aos ímpios, mas àqueles que te servem por puro amor: tu és essa alegria! Alegregar-se de ti, em ti e por ti: isso é felicidade. E não há outra. Os que imaginam outra felicidade, apegam-se a uma alegria que não é a verdadeira.

Ele faz uma interessante indagação: será que todos desejam mesmo ser felizes pelo fato de não procurarem Deus? Ou não conseguem vencer a luta da carne contra o espírito e se contentam somente com a parte material?

Se a felicidade está em Deus e Deus é a verdade, então a felicidade provém da verdade.

Santo Agostinho não despreza os bens temporários completamente, ele os rebaixa perante os bens eternos, por isso constitui como fator primordial da infelicidade o destino do homem em razão da temporalidade:

¹⁸ SANTO AGOSTINHO, 1998, p. 115.

¹⁹ SANTO AGOSTINHO, 1998, p. 114.

²⁰ SANTO AGOSTINHO, *Confissões*, I, 2, 2007. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/dommarco42/confissoes-santo-agostinho>>. Acesso em: 10 abr 2014. p. 198

²¹ SANTO AGOSTINHO, X, 22, p. 102.

Elas nascem e morrem; e, nascendo, começam a existir, e crescem para alcançar a perfeição e, uma vez perfeitas, começam a envelhecer e morrem. Embora nem tudo envelheça, tudo perece. Logo, quando os seres nascem e se esforçam para existir, quanto mais depressa crescem para existir, tanto mais se apressam para deixar de existir. Esta é a sua condição²².

De Beata Vita (A Vida feliz)

Em setembro de 386 d.C. santo Agostinho reuniu-se com um grupo numa quinta cedida por seu amigo Verecundo em Cassiciaco, com ele estavam Alípio, Licênio, Trigésio, seu irmão Návigo e sua mãe Mônica.

Nessa oportunidade travam um diálogo sobre a felicidade, tema este que já era muito discutido por outros filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles, nascendo assim o *De Beata Vita*, uma reflexão sobre a felicidade.

Agostinho começa seu diálogo usando uma alegoria da navegação, tendo como objetivo final alcançar a felicidade, e sendo o meio para isso um porto, o da filosofia.

Agostinho começa perceber então que ser feliz não é apenas ter o que se quer, pois a carne pode desejar coisas malélicas ao ser humano, mas só é feliz aquele que desfruta do bem supremo, pois somente em Deus pode-se encontrar descanso supremo e vida imperturbável²³.

Diante disso, fica claro que Agostinho entende que a felicidade não pode estar em coisas corruptíveis, materiais e passageiras, mas sim em bens incorruptíveis e permanentes, e, por isso, para ser feliz é preciso ter Deus.

No primeiro dia do diálogo, Agostinho inicia com um questionamento sobre a natureza da alma, questionando aos presentes se sabiam que o homem é composto de corpo e alma.

Ele questiona também se o alimento deve ser ao corpo ou à alma, concluindo que o alimento é devido ao corpo, pois o corpo precisa de alimento para continuar a vida.

Após isso, questiona sobre o alimento da alma, a qual também precisa se fortificar, para suprir suas carências, e pergunta qual seria esse alimento, ao que sua mãe responde

²² SANTO AGOSTINHO, IV, 10, p. 31.

²³ SANTO AGOSTINHO, II, 10, p. 18.

que “não existe outro alimento para a alma que não seja o conhecimento das coisas e a ciência”²⁴.

Todos concordam então que os espíritos desprovidos de cultura são como corpos famintos, sendo, portanto “do mesmo modo como o corpo, privado de alimento, fica exposto a doenças e reações malignas decorrentes de sua inanição, assim o espírito ignorante está impregnado de doenças provenientes de suas carências”²⁵.

Com isso, sendo a alma imaterial se alimenta de coisas imateriais, e o corpo material se alimenta de coisas materiais.

Nesse primeiro dia Agostinho fez diversas perguntas: “*Queremos todos ser felizes?*”, “*Quem não tem o que quer é feliz?*”, “*então, quem tem o que quer será feliz?*”, “*Admiti-se ser infeliz o homem que não é feliz?*”, “*Logo é infeliz quem não possui o que deseja?*”, “*o que o homem precisa conseguir para ser feliz?*”, e conclui que é feliz quem tem um bem permanente que não lhe pode ser tirado, resumindo esse bem a dizer que é feliz quem possui a Deus, e possui a Deus aquele que faz o que Ele quer que se faça.

No segundo dia do diálogo, Agostinho retoma a questão da felicidade estar ligada a posse ou não de Deus, e resume as opiniões em três pareceres: “possui a Deus quem faz o que Ele quer, quem vive bem e quem não tem em si espírito imundo”²⁶.

Mas isso responde apenas sobre quem procura a Deus e não quem entre os homens realmente possui a Deus.

Agostinho continua a conversa fazendo diversos questionamentos: “*Deus quer que o homem O procure?*”, “*Podemos dizer que quem busca a Deus vive mal?*” e “*Pode o espírito impuro procurar a Deus?*”.

Nesse ponto pensam ter errado no dia anterior em pensar que é feliz todo aquele que possui a Deus e a questão da posse de Deus involuntária perde o sentido central, pois só se pode procurar algo que não se tem, pois nem todos o possuem e nem todos são felizes.

Agostinho então não mais vincula posse e procura com a questão de ser feliz, e sua mãe diz que “quem vive bem possui a Deus, e de modo propício. Quem vive mal possui a Deus, mas como distante”²⁷.

²⁴ SANTO AGOSTINHO, 1998, p. 126.

²⁵ SANTO AGOSTINHO, 1998, p. 126.

²⁶ SANTO AGOSTINHO, 1998, p.131.

²⁷ SANTO AGOSTINHO, 1998, p. 141.

Nesse segundo dia não se chega a uma conclusão veemente quanto à questão da felicidade e da carência, deixando uma reflexão: “se é verdade que é infeliz quem se encontra na indigência, será igualmente verdade que todo infeliz seja indigente? Seguir-se-ia daí, portanto, que a infelicidade consiste tão-somente na carência ou indigência”²⁸.

Vê-se nesse momento que os três pareceres sobre quem possui a Deus se entrelaçam, pois quem faz a vontade de Deus vive bem, e não é possível ser livre da imundícia sem fazer a vontade de Deus, e com isso se vive bem.

Com isso, conclui:

Se, pois, possui a Deus aquele que busca a Deus, faz a vontade de Deus, vive bem e está livre do espírito impuro; e entretanto, por outro lado, quem está à procura de Deus ainda não o possui; segue-se que quem vive bem faz o que Deus quer e não possui o espírito impuro, só por aí, não pode ser considerado como alguém que possua a Deus!

Com isso recaem numa dúvida sobre o que seria melhor, possuir a Deus ou não estar com ele, mas sua mãe Mônica diz:

“...quem vive bem possui a Deus, e de modo propício. Quem vive mal possui a Deus, mas como distante. E quem quer que esteja à procura, sem todavia o ter encontrado ainda, não possui a Deus nem propício nem molesto. Contudo, não está sem Deus”²⁹.

No terceiro dia do diálogo, Agostinho e seus convidados resolvem se retirar para um campo próximo, e retomam a discussão, mas ele logo inicia dizendo que quase nada terão que responder.

No dia anterior a discussão estagnou no ponto de que a infelicidade é sinônimo de carência e que os indigentes são então infelizes, mas ainda pairou a dúvida se todos infelizes necessitam de algo, pois se realmente todos os infelizes necessitam de algo seria então bem possível descobrir quem é feliz, ou seja, quem não sofre necessidade.

Trigésio afirma então que não existe um meio-termo entre feliz e infeliz, apesar da concordância de todos que há pessoas que procuram a Deus por ainda não o possuírem e que não são felizes, e se já o possuíssem não seriam indigentes.

Com isso, tentaram então refletir melhor sobre o termo indigência, e com isso pensaram que “estar no estado de indigência consiste em não ter o que necessita, e não o receio de perder o que se possui”.

²⁸ SANTO AGOSTINHO, 1998, p. 143.

²⁹ SANTO AGOSTINHO, 1998, p. 141.

Todo aquele que não é feliz é infeliz, com isso, se todo o que não está morto é vivo, do mesmo modo, evidentemente, todo o que não é insensato é sábio. Por isso, é infeliz tanto quem teme a perda dos seus bens, mas tanto mais se estiver privado de sabedoria.

Trataram a sabedoria como a justa medida da alma, tendo como certo que isso significa a posse de Deus, um bem imutável superior ao homem, pois o homem é em si inconstante.

Isso se pode alcançar através da comunhão e da fé na Trindade, sendo então esses bens imutáveis e eternos que completam o homem, por isso, “todo aquele que vier à Suma Medida pela Verdade será feliz. E isso é possuir a Deus na alma, gozar de Deus”³⁰.

Assim, pode-se concluir que para Agostinho a “Vida Feliz”, ou ainda, a plenitude perfeita da alma, consiste em sermos guiados até a verdade (o Pai), gozar dessa verdade (o Filho), através do Espírito Santo, o responsável por nos unir com a suprema medida.

Concluindo assim: “Eis, sem nenhuma dúvida, a vida feliz, e essa é a vida perfeita. Tenhamos confiança que poderemos ser levados a ela, prontamente, graças à fé sólida, à alegre esperança e à ardente caridade”³¹.

Considerações Finais

A felicidade é um conceito que vem se modificando através do tempo e espaço, em cada época e em cada região podemos observar uma visão diferente a respeito da felicidade.

Nesse sentido, é importante analisarmos cada cultura com os olhos voltados para aquela cultura, e não atribuir a uma época valores e ideias de outra época, ou ainda, fazer um julgamento de valor sobre determinado costume ou valor de uma época passada com a visão baseada na época atual, ou vice-versa.

O anacronismo pode prejudicar muito a compreensão de culturas antigas, pois pode se atribuir um sentido diverso a algum valor ou costume de uma época antiga, e não conseguir compreender realmente o que aquilo significava para essa determinada cultura, por interpretá-la com a visão que temos hoje.

Com isso, percebe-se como a visão dos gregos sobre felicidade era bem diferente da visão que temos hoje no mundo globalizado e competitivo que vivemos hoje.

³⁰ SANTO AGOSTINHO, 1998, p. 156.

³¹ SANTO AGOSTINHO, 1998, p. 157.

Hoje felicidade está mais ligada à coisas, aos bens materiais, à riqueza, ao ter e não ao ser, já na antiguidade, felicidade era ter nome, ter honra, glória, ser enaltecido entre o povo, mas para alcançar esse patamar, era necessário morrer assim, para que tudo que fez em vida se perpetuasse e fosse lembrado por muito tempo, por isso a riqueza sozinha não tornava o homem feliz.

Assim sendo, fecha-se o pensamento com as falas de Vernant³²:

Numa cultura como a da Grécia arcaica, em que cada um existe em função de outrem, sob os olhares e pelos olhos de outrem, em que as posições de uma pessoa são tanto melhor estabelecidos quanto mais longe se estende sua reputação, a verdadeira morte é o esquecimento, o silêncio, a obscura indignidade, a ausência de fama. Ao contrário, existir é – esteja-se vivo ou morto – ser reconhecido, estimado, honrado; é sobretudo ser glorificado: ser objeto de uma palavra de louvor, de uma narrativa que conta, sob a forma de uma gesta, retomada e repetida sem cessar, um destino por todos admirado.

Para Agostinho a verdadeira felicidade só alcança sua plenitude em Deus, diferenciando seu pensamento da filosofia do período antigo num ponto: a questão espiritual ou sobrenatural, pois a busca pela felicidade só termina em Deus. Deus é quem pode satisfazer plenamente o homem por ser imutável e estar acima dele, sendo estável diante da instabilidade humana, completando-o. A verdade-Deus já está no homem, pois foi Ele quem o criou, mas Ele se revela na proporção que é buscado pelo homem, por isso diz-se que a felicidade já está no interior do homem.

Mônica faz o desfecho final do diálogo, afirmando que a vida feliz é a vida perfeita, e que podemos chegar até ela pela fé sólida, alegre esperança e ardente caridade. Com isso, entendemos que para Agostinho a verdadeira e plena felicidade está na posse de algumas coisas: Deus, sabedoria e verdade. O homem é um ser que em si mesmo tem o desejo de buscar e conhecer, e mesmo sem se dar conta, busca a Deus, às vezes pensando estar buscando algo melhor, sem saber que o que busca é realmente Deus, e se farta e repousa quando tem esse encontro, e aporta então no porto que leva à felicidade.

Referências

ARAÚJO, Orlando Luiz de. Logos de Crespo: padrão de um modelo dramático. *Revista de Letras*, n. 21, vol. 1/2, jan/dez 1999. Disponível em: <
<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl21Art08.pdf>>. Acesso em: 01 jun 2014.

³² VERNANT, Jean-Pierre. *A Bela Morte e o Cadáver Ultrajado*. p. 41. Disponível em: <
<file:///C:/Users/M%C3%B4nicaCordovil/Downloads/37846-44506-1-PB.pdf>>. Acesso em: 02 mai 2014.

BRANDELLERO, Neuza de Fátima. *De beata vita de Santo Agostinho: uma reflexão sobre a felicidade*. Dissertação de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Filosofia. Curitiba: PUC, 2006. Disponível em: < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp065738.pdf>>. Acesso em: 10 abr 2014.

HERÓDOTO. *História*. Livro II, XXXII.

HOMERO. *Ilíada*, XXIV.

ISHARA, Roberto. *Felicidade em Santo Agostinho*. Disponível em: < <http://www.franciscanosrondinha.com.br/artigos/pdf/felicidadestagostinho.pdf>>. Acesso em: 12 abr 2014.

LAURIOLA, Rosana. De eudaimonia à felicidade: visão geral do conceito de felicidade na antiga cultura grega, com alguns vislumbres dos tempos modernos. *Revista Espaço Acadêmico*. [on-line], Edição 59, ano V, abr. 2006, ISSN 1519.6186. Disponível em: < http://www.espacoacademico.com.br/059/59esp_lauriolapt.htm>. Acesso em: 20 abr 2014.

LEÃO, Delfim F. *Sólon e Cresos: fases da evolução de um paradigma*. In: *Humanitas*, vol. LII, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2000.

MATOS, Fernando de Carvalho. *Mitologia e Mitos*. Disponível em: < <http://www.coladaweb.com/mitologia/mitologia-e-mitos>>. Acesso em 20 abr 2014.

MCMAHON, Darrin M. *Felicidade: uma história*. São Paulo: Globo, 2006.

SANTO AGOSTINHO. A Vida Feliz. In: _____. *Solilóquios e A Vida Feliz*. São Paulo: Paulus, 1998.

SANTO AGOSTINHO, *Confissões*. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/dommarco42/confissoes-santo-agostinho>>. Acesso em: 10 abr 2014.

SILVA, Josadaque Martins. *A Busca da Felicidade no Diálogo De Beata uita de Agostinho de Hipona*. Disponível em: < http://www.mackenzie.br/fileadmin/Chancelaria/GT3/Josadaque_Martins_Silva.pdf>. Acesso em: 12 abr 2014.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Livro Segundo. 4 ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

VERNANT, Jean-Pierre. *A Bela Morte e o Cadáver Ultrajado*. Disponível em: < <file:///C:/Users/M%C3%B4nicaCordovil/Downloads/37846-44506-1-PB.pdf>>. Acesso em: 02 mai 2014.